

**O PATRIMÔNIO HISTÓRICO-LINGUÍSTICO ITABERABENSE:
ESCRITAS PERIFÉRICAS**

Bárbara Bezerra de Santana Pereira (UNEB)

bbsantana@uneb.br

Jeovania Silva do Carmo (UNEB)

jcarmo@uneb.br

Joana Angélica Santos Lima (UNEB)

jalima@uneb.br

RESUMO

O presente artigo busca apresentar os resultados preliminares do projeto de pesquisa “O patrimônio histórico-linguístico itaberabense”, vinculado ao GELPS (Grupo de Estudos Linguagem e Periferias), sediado no *Campus XIII* da UNEB (Universidade do Estado Bahia). Este projeto objetiva analisar, pelos vieses da Filologia e da Linguística, gêneros textuais que versem sobre figuras historicamente periféricas, tais como pessoas escravizadas, mulheres e povos tradicionais. Os *corpora* propostos para análise são gêneros textuais como: registros de compra de pessoas escravizadas, registros de filhos de escravizados, autos de defloramento, entre outros textos, provindos, principalmente, do Arquivo Público de Itaberaba, bem como de acervos particulares da região. O presente artigo traz os passos iniciais do projeto, apresentando os primeiros testemunhos coletados, analisados e preparados a partir dos preceitos metodológicos da Filologia Textual, enfatizando a concepção de periferias e sua relação com os documentos históricos itaberabenses.

Palavras-chave:

Periferias. Filologia Textual. Documentos itaberabenses.

ABSTRACT

This article seeks to present the preliminary results of the research project “O patrimônio histórico-linguístico itaberabense”, linked to GELPS (Language and Peripheries Study Group) based at *Campus XIII* of UNEB (Bahia State University). This project aims to analyze, through the bias of Philology and Linguistics, textual genres that deal with historically peripheral figures, such as enslaved people women and traditional people. The *corpora* proposed for analysis are textual genres such as: records of the purchase of enslaved people, records of the children of enslaved people, defloration records, among other texts, coming mainly from the Itaberaba Public Archives, as well as from private collections in the region. This article describes the initial steps of the project, presenting the first testimonies collected, analyzed and prepared using the methodological precepts of Textual Philology, emphasizing the concept of peripheries and their relationship with historical documents from Itaberaba.

Keyword:

Itaberabense documents. Textual Philology. Peripheris.

1. *Considerações iniciais*

A linha 1 do Grupo de Pesquisa Linguagens e Periferias (GELPS) tem por base metodológica os estudos históricos, filológicos e linguísticos, convergindo essas três áreas com o intuito de proporcionar a preparação e disponibilização de textos/*corpora*/materiais confiáveis para interessados de diversas áreas. A partir das análises filológicas, amparadas em fontes e estudos históricos e linguísticos, buscamos promover a produção de conhecimento acerca de personagens que fizeram parte da formação histórica, política e cultural da cidade de Itaberaba – Bahia.

Para tanto, nosso grupo de pesquisa promove o desvendar dessas “histórias” através do texto escrito, mais precisamente de documentos notariais provindo de instituições municipais como arquivos, câmara de vereadores, fóruns, igrejas, além de acervos particulares. Para o presente momento, nos deteremos em analisar documentos manuscritos salvaguardados pelo Arquivo Público municipal. Entretanto, em meio a várias possibilidades de documentações, buscamos trazer a luz nessas pesquisas textos que tratem sobre acontecimentos e personagens considerados periféricos, à margem da sociedade. Mulheres, pessoas escravizadas, comunidades tradicionais são algumas das possíveis personalidades que nossa pesquisa busca informações.

Como já colocado, este artigo traz a lume uma inicial incursão sobre os primeiros documentos catalogados, bem como uma introdução à descrição e análise filológica. Para contextualizar um pouco melhor nosso trabalho, também apresentamos uma breve discussão acerca do conceito de periferia e da disciplina filológica, área basilar para esta primeira parte da pesquisa.

2. *Escritas periféricas: uma incursão sobre o termo periferia*

De origem grega, (*periphéreia*, *-as*), o termo periferia deriva do latim *periferia*, *-ae*, significando circunferência, em seu sentido amplo. Como toda palavra pode se modificar no tempo e no espaço, seu significado toma outras proporções ao longo do tempo, associando-se a território geográfico. Assim, no sentido mais restrito, significa “condição do que, em uma cidade, se encontra afastado da cidade, do centro urbano,

normalmente, local onde está situada uma população de renda mais baixa” (Dicionário *on-line* do Português²⁹).

Vale ressaltar que, em linhas gerais, periferia simboliza favela, a qual consiste num conjunto de domicílios que ocupa, de maneira desordenada e densa, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) sem acesso a serviços públicos essenciais, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Uma periferia se estabelece à margem dos centros urbanos, cuja renda da população tende a ser abaixo do esperado para suprir suas necessidades básicas.

Nesse sentido, o termo periferia está atrelado à situação de pobreza e precariedade, graças ao abandono das políticas públicas. Sua associação a questões sociais e econômicas passa a ser destacada a partir das décadas de 1950 e 1960, refletindo sobre a relação dos países periféricos do capitalismo com as economias centrais. A partir de então, diferentes áreas de conhecimento investem nessa reflexão:

Na década de 1970, no campo do marxismo, interpretações discutiam se a produção da cidade era um reflexo da produção econômica (Camargo et al., 1982; Kowarick, 1993) ou se esta possuía uma lógica própria. (Maricato, 1982). Nos anos 1980, pesquisas antropológicas lançaram um novo olhar sobre a periferia, ressaltando modos de vida e o imaginário das populações. (Zaluar, 1985; Durham, 1986). Outro agente a utilizar o termo foi a Igreja Católica, que já na década de 1970 possuía uma Pastoral das Periferias. (D’ANDREA, 2020, p. 20)

Segundo o autor, esses agentes foram grandes potencializadores para que o termo fosse conhecido pelos moradores da periferia, que aos poucos foram se apropriando desse lugar (assumindo posturas identitárias). Nesse ínterim, sua divulgação foi se alargando, ganhando efetiva visibilidade na década de 1990, com a também importante contribuição do movimento *hip-hop*, dentre outros movimentos artísticos.

Vale dizer que a conscientização dos moradores da periferia foi um fator crucial para a manutenção e preponderância do termo, até os dias atuais, através de manifestação sociais, culturais, como também literárias.

As manifestações literárias têm intensificado, ao longo de das últimas décadas, as reflexões sobre espaços e sujeitos periféricos dentro

²⁹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/periferia/#:~:text=Significado%20de%20Periferia&text=%5BPopular%5D%20Condi%C3%A7%C3%A3o%20do%20que%2C,popula%C3%A7%C3%A3o%20de%20renda%20mais%20baixa>. Acesso em 27 out. 2023.

das periferias, legitimando suas vozes, antes, totalmente, sucumbidas pelo sistema.

No Brasil, os sujeitos periféricos são materializados na pessoa dos povos tradicionais transeuntes das margens periféricas brasileiras, tais como quilombolas, indígenas, ribeirinhos, catingueiros, catadores, extrativistas, caiçaras, ciganos, povos de terreiros, dentre outros que são vítimas do abandono das políticas públicas brasileiras, tendo em vista à insipiente garantia de acesso as suas necessidades básicas. A ausência dessa garantia contribui para a marginalização e exclusão social da população periférica, aumentando os índices de pobreza, criminalidade e violência.

Assim, tendo em vista essa condição, faz-se necessário um olhar atento e desprezioso dessas políticas para legitimar o exercício da cidadania desses povos. Também vale um olhar para documentos de sincronias passadas, para textos que tragam informações acerca dessa gama da população.

3. *O caminho filológico: algumas considerações conceituais e metodológicas*

O presente trabalho encontra-se ancorado no campo dos estudos filológicos. Mas afinal, do que trata a Filologia? Muitas são suas definições e essas variam de acordo com a época e com quem praticou o labor filológico. Como bem colocado por Spina (1994):

Não tem sido fácil determinar com precisão o âmbito da Filologia, cujos objetivos têm variado conforme as épocas em que se praticou a atividade filológica, conforme os autores que a exerceram e até os lugares em que ela floresceu. (SPINA, 1994, p. 82)

Desde as primeiras ocorrências do termo até nossos dias, esse vocábulo acumulou diversas acepções, sendo um dos argumentos levantados por teóricos para explicar sua gama de sentidos. Erich Auerbach (1972), ao definir Filologia, destaca o tempo de existência da ciência e a amplitude de seus objetos de estudo.

A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem [...]. Como se trata de uma ciência muito antiga e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo Filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas. (AUERBACH, 1972, p.11) (grifo nosso)

Essa polissemia torna-se alvo de diversas incursões à gênese e história do termo. Incursões essas geralmente apresentadas nos primeiros

capítulos de vários livros da área. Silveira Bueno (1967, p. 5), por exemplo, inicia o livro *Estudos de Filologia Portuguesa*, discutindo o conceito moderno de Filologia e, já no primeiro parágrafo, salienta que, assim como qualquer outro conceito científico, “(...) passou por várias formas, sofreu alterações múltiplas até o estado mais ou menos fixo em que hoje se encontra”. Destaca também o histórico do termo filólogo que na Antiguidade clássica era sinônimo de erudito ou gramático e finaliza descrevendo que, segundo sua ótica, o principal objetivo da Filologia é “(...) o conhecimento do estado de civilização de um povo, em determinada época da sua história, através dos documentos literários que nos foram conservados” (BUENO, 1967, p. 9). O autor apresenta um conceito de Filologia partindo do enfoque no objeto literário, fugindo dos parâmetros linguísticos, e ampliando seu significado para um foco sociológico.

Mais contemporaneamente, Telles (2016) explana acerca do trabalho filológico, ressaltando suas interseções com os estudos linguísticos e literários, além de destacar as possibilidades metodológicas e procedimentais providas dos objetos da pesquisa. Vejamos:

O estudo da língua é o objeto precípua da Linguística. A determinação do valor literário e histórico do texto pertence ao domínio da ciência da literatura. Na intersecção dessas duas vertentes estão os estudos filológicos que, hoje, como sempre, buscam sintetizar todos esses aspectos, recorrendo a vários procedimentos e metodologias, sempre abertos a toda gama de língua e literaturas. (TELLES, 2016, p. 196)

Telles (2016, p. 46) também observa que a investigação filológica possui duas perspectivas: a mudança linguística e a crítica textual. Ressaltando o texto como o objeto para essas análises distintas “O processo que se acha na base da investigação filológica é o ‘fazer-se o texto’, isto é, o caminho percorrido entre a expressão do pensamento e o uso da língua, construindo o texto com o uso de uma ‘linguagem’”. Apesar de toda a abrangência de sentidos que a Filologia adquiriu ao longo do tempo, esses dois sentidos trazidos por Telles (2016) como vertentes, se destacam.

Seguindo nessa esteira bifurcada, apresentamos as observações de Marquilhas (2010) sobre o termo Filologia, o qual a autora denomina como “incomodamente ambíguo”, trazendo a divisão entre Filologia Oitocentista e Crítica Textual. Nessa mesma linha de reflexão, temos Basseto (2005, p. 37) afirmando que o conceito moderno de Filologia se fixa em duas vertentes: “(...) em sentido estrito, de filologia como a ciência do significado dos textos; e em sentido amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura

com base em sua língua ou em sua literatura”. Essa última definição coaduna com a classificação que Marquilhas (2010) denomina de Filologia Oitocentista, na qual podemos colocar os estudos linguísticos de cunho histórico, realizados por grandes nomes daquele século, ou seja, os estudos da Filologia Românica, também denominado de Linguística Românica. Já a primeira acepção tem como base principal, de início e fim, o estudo do texto, e denota o trabalho do campo da Crítica Textual.

Sobre essa questão, Cambraia (2005) traça um panorama histórico acerca do conceito de Filologia e conclui que “Contemporaneamente, o termo *filologia*, (...) continua a ser empregado de forma polissêmica, mas há uma tendência a se associar esse termo ao estudo do texto, reservando o termo *lingüística* para identificar o estudo científico da linguagem humana” (CAMBRAIA, 2005, p. 18) (grifos do autor).

Destarte, podemos delimitar o conceito de Filologia como disciplina que se dedica ao estudo do texto com o intuito de restituir sua genuinidade. Em outras palavras, o campo que, atualmente mais caracteriza a Filologia é seu sentido estrito, o trabalho da Crítica Textual. Como nos relata Auerbach (1979, p. 11): “Uma das formas mais antigas, a forma por assim dizer clássica e até hoje considerada por numerosos eruditos como a mais nobre e autêntica, é a edição crítica de textos.”.

A presente pesquisa enquadra-se no sentido restrito do termo Filologia, ou seja, na busca pela restituição da fidedignidade do texto, através de uma acurada análise transdisciplinar do texto, culminando com sua edição. Dentro desse campo de estudo, muitos são os caminhos metodológicos, dependendo do tipo de *corpus* a ser analisado, do objetivo do pesquisador e do público-alvo. Os caminhos da edição filológica são vários, desde a mais conservadora à modernizada, passando pelas intermediárias no que tange à interferência do editor.

Sumariamente, podemos conceituar edição como uma transcrição. Porém a depender do tipo de edição, esta transcrição ganha aspectos bem mais detalhados e minuciosos. De acordo com Cambraia (2005, p. 91), as edições podem ser divididas em dois tipos: as monotestemunhais – que se baseiam no testemunho de um único texto, e as politestemunhais – que se baseiam na comparação de dois ou mais testemunhos textuais. Dentro destas, há subdivisões quanto ao grau de mediação do editor na realização das reproduções.

No que se refere às edições monotestemunhais, Cambraia (2005) destaca, a fac-similar (reproduz o texto através de meios mecânicos como

a fotografia, xerocópia, microfilmagem, etc.; nesta edição não há a intervenção do editor); a diplomática (transcrição conservadora, procurando ser uma cópia exata do texto, conservando, assim, as abreviaturas, a pontuação, os erros, as repetições e outros aspectos); a semidiplomática (grau mediano de intervenção do editor, pois se pode desenvolver as abreviaturas, modificar a pontuação, juntar ou separar palavras e sílabas, entre outras ações); a interpretativa (maior grau de mediação); e a modernizada (adapta a linguagem do texto a formas mais atualizadas).

No que tange às edições politemunhais, o autor destaca a edição crítica (comparação de testemunhos de um mesmo documento, na busca por reconstituí-lo o mais próximo da vontade do autor) e a edição genética (procura anotar as diferenças redacionais de textos preliminares em relação ao texto final do autor).

Ao analisarmos os documentos inicialmente coletados para nossa pesquisa, decidimos realizar dois tipos de edições: a fac-similar e a semidiplomática.

4. Livros de Notas e Registros Itaberabenses: apresentando o *corpus*

Situada na região cento-norte do Estado da Bahia, a cidade de Itaberaba possui cerca de 65 mil habitantes. No século XVI, as terras do atual município faziam parte da Capitania de Todos os Santos, passando por variados donos.

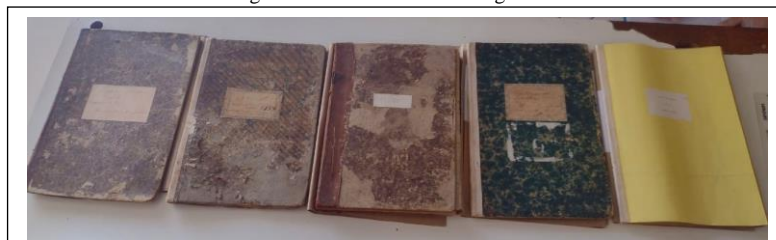
O povoado cresceu e recebeu honras de freguesia e distrito de paz de Nossa Senhora do Orobó, possuindo vinte domicílios em torno da matriz e uma população de cem habitantes. O Cartório de Paz deste distrito do Orobó na década de 1850, registrou inúmeras cartas de alforrias aos escravos.

Em 1877 o município elevou-se a categoria de Vila do Orobó, com a primeira Câmara instalada em 30 de junho de 1877, ganhando autonomia político-administrativa, assumindo a função executiva e legislativa. Em 1897, vinte anos depois de emancipada politicamente, foi elevada à categoria de cidade de Itaberaba. (IBGE, 2023)

Em uma das caixas do arquivo público do município, encontramos cinco documentos da Intendência, mais precisamente livros de notas e registros de tabelionato. Todos apresentam numeração (2º, 3º, 5º, 7º e 8º), cuja cronologia coincide, entretanto, até o momento, não encontramos os demais livros faltosos (1º, 4º e 6º).

Numeração / Data	Série	Fundo
2° (1853-1857)	Livro de Notas	Intendência
3° (1857-1859)	Livro de Notas	Intendência
5° (1867-1877)	Livro de Notas	Intendência
7° (1881-1889)	Livro Registro de Tabelaão	Intendência
8° (1885-1890)	Livro de Notas	Intendência

Figura 1: Livros de Notas e Registros.



Fonte: Arquivo Público de Itaberaba-BA.

Os cinco livros se encontram, de forma geral, em razoável estado de conservação, entretanto, alguns apresentam manchas causadas por fungos ou partes deterioradas por insetos. Nesses manuscritos podemos encontrar, entre outros gêneros textuais, cartas de liberdade de pessoas escravizadas.

Dos cinco livros encontrados, escolhemos um para uma breve descrição. Trata-se do Livro 7, datado dos anos de 1881 a 1889.

4.1. Descrição externa do corpus

O livro de registro datado de 1881 a 1889 apresenta capa dura em papelão, cujas dimensões são 326 mm x 218 mm. A capa traz um selo com as seguintes inscrições:

Figura 2: Selo da capa.

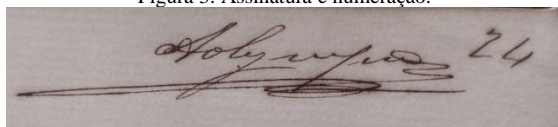


Cartorio do Tabellião Virgílio das Neves – 1º Livro de Registro de documentos e títulos

Fonte: Arquivo Público de Itaberaba-BA.

O documento possui 51 fólios, destes 21 encontram-se escritos no recto e no verso. Os fólios possuem as seguintes dimensões: 315 mm x 216 mm. Na primeira página, encontra-se o termo de abertura do livro e ao final o termo de encerramento. Com exceção do primeiro fólio, todos os outros 50 estão numerados e assinados com a rubrica do então juiz Antonio Olympio.

Figura 3: Assinatura e numeração.



Fonte: Arquivo Público de Itaberaba-BA.

Marcas d'água também podem ser atestadas nos fólios do manuscrito, com as inscrições: Al Masso e Smith Meynier Fiume.

Figuras 4 e 5 – Marcas d'água.



Fonte: Arquivo Público de Itaberaba-BA.

4.2. Edição semidiplomática

A partir do registro fac-similar do manuscrito, através da fotografia de alta resolução, iniciamos a transcrição do texto, respeitando aos critérios selecionados pela Linha 1 do GELPS, de acordo com os parâmetros semidiplomáticos, baseados em Queiroz (2005): 1 - Respeito à grafia do texto no que tange letras e algarismos; 2- Indicação do número de fólhos, respeitando a numeração do texto, incluindo-se recto e verso; 3- Desdobramento das abreviaturas, apontando-as em itálico e negrito; 4- Respeito às linhas da mancha escrita; numeração linha por linha do texto, indicando-a de cinco em cinco, desde a primeira linha do fólho; 5- Separação das palavras unidas e união das separadas; 6- Respeito aos sinais diacríticos; 7- Respeito à pontuação; 8- Uso da crux desperationes nas passagens ilegíveis [†]; 9- Uso de colchetes e interrogação nas passagens duvidosas [?]; 10- Uso de colchetes nas interpolações []; 11- Uso de parênteses e reticências para leitura impossível por dano no suporte (...); 12- Notas marginais serão mantidas.

A seguir apresentamos a edição semidiplomática do fólho 2 recto, na qual está escrita uma carta de alforria de dois escravizadas.

f. 2
r

Antonio Olympio 1

Carta de plena liberdade concedida aos pretos Antonio e Deziderio, pelo Capitaõ Eugenio Fernandes Sena.

5

Eu abaixo assignado, senhor e possuidor [d]os escravos Antonio, preto, maior de sessenta annos, e Deziderio, preto, maior de cincoenta e cinco annos, os quais se achão livres e desembaraçados de

10

qualquer embargo, penhora, hypotheca, ou outro qualquer onus publico ou particular; em attenção aos serviços que eles me têm prestado, mormente em grave molestia que me acho,

15

lhes faço doação gratuitamente, caso venha á morrer d'esta molestia, as suas liberdades, em cuja posse entraraõ desde que eu fallecer, e para sempre, da qual gozaraõ plena e irrevogavelmente como se de ventre

20

livre nascessem. Em firmeza do que mandei passar o presente como seo legitimo titulo, escripto por Erico Cezar Borges, que a meo rogo tambem assigna, por eu

25

naõ poder escrever em virtude do intorpecimento das maõs, em consequencia da mesma molestia, presentes as testi-

- munhas abaixo assignadas. Villa de Orobó onze de Abril de mil oitocentos e oitenta e um. Á rogo do Capitão Eugenio Fernandes Sena, Erico Cezar Borges = Como testemunhas: Felipe Fernandes Sena, Antonio Marcellino de Figueiredo Mascarenhas, João Felix dos Santos, Marcolino Pereira Marques, Antonio Ignacio da Silva.= Reconheço verdadeiras a letra e fir-
- 30

5. Considerações finais

Através de pesquisas de cunho filológico, com documentações de sincronias passadas, como o material aqui apresentado, podemos propiciar um mergulho na história e na língua das sociedades. Este é um dos objetivos do Grupo de Pesquisa Linguagens e Periferias, mais especificamente da Linha 1: Filologia, Linguística e Historicidades.

Alicerçados por parâmetros filológicos, podemos propiciar materiais para pesquisas de diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Linguística, a História, a Sociologia, a Antropologia, etc. Consequentemente, promovemos a discussões acerca da existência de documentos históricos/escritos que tratem da realidade de grupos sociais considerados à margem/periféricos e contribuimos para a preservação da história e da memória do município de Itaberaba-BA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erick. *Introdução aos estudos literários*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.
- BUENO, Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.
- CAMBRAIA, César N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periférico. In: *Novos estudos*, v. 39, n. 01, p. 19-36, CEBRAP, São Paulo, jan.-abr. 2020.

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: ALVES, F.M. *et al.* (Org.). *Filologia, Memória e Esquecimento*. Act. 20. Lisboa, Húmus, p. 355-67, 2010. Universidade de Lisboa, Centro de Linguística. Disponível em: http://clul.ul.pt/files/rita_marquilhas/MarquilhasMemoriaEsquecimento.pdf. Acesso em: jun. 2017.

QUEIROZ, Rita de C. R. A crítica textual e a recuperação da história. *Scripta Philologica*, n. 1, p. 64-79, Feira de Santana, 2005.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. São Paulo: Ars Poética / Universidade de São Paulo, 1994.

TELLES, Célia M. *et al.* (Orgs). Mudanças linguísticas e Crítica Textual. In: _____. *Estudos Filológicos: Linguística Românica e Crítica Textual*. Salvador: EDUFBA, 2016.

Outra fonte:

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. História e fotos Itaberaba-BA, 3023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itaberaba/historico> Acesso em 26 out. 2023.